

V!RUS

revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175-974X
CC BY-NC

a cidade e os outros
the city and the others
SEM1 2013

INSTANTÂNEOS DE UM ESPAÇO POLÍTICO: ocupando a cidade

SONIA FLEURY

Sonia Fleury é doutora em Ciência Política, Mestre em Sociologia e Bacharel em Psicologia. Suas pesquisas recentes abordam o tema da cidadania e discriminação como critérios de análise de políticas públicas, e sua obra foi publicada em vários idiomas e países. Atua como professora titular da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), onde é coordenadora do Programa de Estudos sobre a Esfera Pública.

Como citar esse texto: FLEURY, S. INSTANTÂNEOS DE UM ESPAÇO POLÍTICO: OCUPANDO A CIDADE. ENTREVISTA VIRUS, São Carlos, n. 9 [online], 2013. Edição VELOSO, P.L.A., TRAMONTANO, M., Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus09/secs/interview/virus_09_interview_1_pt.pdf>. [Acessado em: dd m ano].

Conversamos com Sonia Fleury no período em que milhares de pessoas em todo o Brasil tomaram as ruas, em manifestações que nasceram nas redes sociais da internet e transbordaram para o espaço concreto das cidades. Subitamente, e de forma inequívoca, esse espaço público mesclou-se com o espaço virtual das comunicações online reafirmando-se como espaço político, dotado de uma talvez nova noção de urbanidade. Em seus estudos, Sonia enxerga a cidade do ponto de vista de seus cidadãos, através das lentes da cidadania e das políticas públicas. Um olhar essencial nesse momento do país.

V!RUS9: Sonia, o tema dessa edição da V!RUS é a cidade e os outros, que busca discutir e justapor diferentes maneira de como os diferentes campos disciplinares e grupos disciplinares enxergam e lidam com a cidade. Do ponto de vista da sua formação, de que maneiras a cidade é um campo ou um objeto de estudos para você?

Sonia Fleury: Eu me aproximei desse tema da cidade recentemente. Sempre trabalhei com a questão da cidadania. Mas, como você sabe, a cidadania é adstrita ao nível nacional - são os direitos do Estado-nação. Na verdade, cada vez mais tenho tentado ver a cidade como um lugar de cidadãos, ou seja, pensar nos direitos se realizando em um território local. No estado de bem-estar social, eles se realizam num espaço geográfico determinado que é a nação, ou não se realizam. Então eu comecei a estudar especificamente esse fenômeno da chamada pacificação, a política de pacificação nas favelas do Rio de Janeiro, para ver sua eficácia, como essa política pública estava sendo conduzida. E, ainda, do ponto de vista social, como ela afetava a sociabilidade do cidadão daquele território no sentido de construir ou não vínculos de cidadania e respeito ao direito dos cidadãos.

V!9: Podemos falar um pouco dessas relações entre o mundo concreto na cidade e o mundo virtual? Que relações que você enxerga entre a cidade e seus diversos *layers* de representação, inclusive o exercício da cidadania, e as suas representações no mundo virtual, mais especificamente na internet?

SF: Eu acho que a Internet cria a possibilidade de conexões extremamente rápidas e com efeito multiplicador enorme, o qual, inclusive, não está absolutamente circunscrito à cidade. É uma conexão em que você vê fenômenos locais, regionais, nacionais, globais, tudo ao mesmo tempo, porque essas redes também não têm uma configuração localizada. As pessoas se re-situam nesse território, falam a partir deles e falam através desses *layers*. Então eu não vejo tanta conexão entre a internet e a cidade. Mas eu vejo que ela conecta em vários níveis as pessoas, os atores, criando a possibilidade da ação social. Antigamente, essa ação social tinha canais muito específicos, o partido, o grupo de interesse etc.. Agora ela se dá de uma forma mais genérica, em vários contextos geográficos, espaciais e temporais, mas com a possibilidade de uma conexão muito rápida envolvendo milhares de atores ao mesmo tempo. Isso realmente transcende as tribos, os espaços, os tempos geográficos, o território, a sequência. Por exemplo, em meu trabalho na favela vejo que uma parte grande das lideranças, pelo menos dos jovens, está conectada através do *Facebook*, e aí eles se comunicam com a favela e com a não-favela, eles não estão circunscritos a uma delas, ao contrário, estão globalizados.

V!9: Falando agora sobre as recentes manifestações de rua, ocorridas em lugares geograficamente referenciados mas que se organizaram também via redes sociais, você enxerga uma surpresa por parte dos diversos atores envolvidos ao perceber a existência de outra instância de cidade nesse espaço virtual?

SF: Tem sido dada enorme importância ao fato de as pessoas terem se conectado através das redes sociais, mas eu particularmente acho que a conexão via internet viabiliza uma vontade, e não cria uma vontade. A vontade vem do desejo, do desejo de indivíduos, de grupos, vem de insatisfações, de rupturas que são viabilizadas... É claro que esse meio não é isento, porque ele multiplica, porque ele é visual, ele coloca imagens e sons no *Youtube*, tudo ao mesmo tempo. E isso tem uma dimensão muito diferente, por exemplo, das formas de conexão da ação política tradicional, que era o partido, a reunião em que você trabalha só racionalmente, onde a questão do sentimento, da emoção, da cor, do ego visual, não aparece tanto. É claro que esse meio não é isento, ele traz uma série de componentes próprios. Mas, o importante nessas manifestações é a manifestação mesmo dessa vontade. Qual é a vontade que liga coisas tão diferentes? Não é a internet que liga, o que liga é a vontade de ter uma democracia melhor, é a qualidade da democracia que está em jogo.

Eu li, por exemplo, um comentário interessante sobre o cartaz de uma pessoa que dizia: "Eu quero a volta da tomada de dois pinos". O comentarista tomava isso como uma manifestação de que as demandas dos manifestantes eram extremamente individualizadas. Coisa que eu acho uma besteira porque quando uma pessoa diz "eu quero a volta da tomada de dois pinos" está colocando em questão quem tomou essa decisão, como foi tomada essa decisão de mudar a vida do cotidiano de todos nós, quanto dinheiro foi envolvido nisso, quem ganhou com essa mudança, porque a sociedade pagou um custo grande de ter que comprar conectores, trocar tomadas... Então não é uma demanda individual, é uma demanda que diz o seguinte: na política pública, os gestores não prestam contas e isso afeta minha vida e o cotidiano de milhares de pessoas. Essa demanda era tão legítima e tão coletiva quanto qualquer outra das que estavam sendo colocadas ali. Elas estavam ali em cartazes individuais porque a forma das pessoas se manifestarem é essa. Mas elas são coletivizadas porque têm todo um fundo em comum, que é a relação com o processo decisório da política pública: como é que são tomadas decisões, por que não prestam contas, como é que são estabelecidas as prioridades, se há ou não corrupção nisso, por que a população não participa, só sofre os efeitos... Isso tudo era em comum. Eu acho esse exemplo da tomada muito emblemático, porque parece que não tem nada a ver, mas tem tudo a ver.

V!9: Sim, por um lado há essa convergência, já que todos os manifestantes querem, em princípio, rediscutir a dimensão democrática dos rumos da nação. Mas, por outro lado, em São Paulo, por exemplo, temos visto conflitos - inclusive físicos - nas manifestações de rua, entre diferentes ideologias e posturas políticas. Há os extremistas de direita, os de esquerda, o pessoal do Passe Livre, os apartidários, os religiosos e muitas vezes a gente se pergunta se todo mundo que está ali concorda mesmo com as reivindicações que estão sendo feitas. Esses conflitos são também transpostos das redes online, eles também existem nas redes online. Como que você analisaria isso?

SF: Eu creio que no caso de certos grupos, como grupos nazistas ou o que seja, quando não partilham os princípios éticos e morais que levam à democracia, sua participação na luta democrática tem que ser inibida. Agora, quando são grupos nos quais você pode não acreditar, tais como partidos políticos, movimentos sociais e outros mais, porém, não aceitar sua participação é uma forma de não aceitação do princípio básico da democracia que é o pluralismo. Essa exclusão é ruim para a democracia e, certamente, o amadurecimento das pessoas e do próprio movimento de massa vai levar a uma aceitação maior de outros participantes.

Eu acho que houve um momento em que as pessoas não queriam que ninguém, nenhuma televisão, nenhum grupo, nenhum partido levasse aquilo como uma propriedade sua. O que é justo, pois não foram essas instâncias que o mobilizaram. Agora, proibir a manifestação de órgãos e instâncias aglutinadoras democráticas, isso não é bom para a democracia.

V!9: Do nosso ponto de vista, isto é, do ponto de vista de pesquisadores acadêmicos, será que, após enxergar nessas manifestações certas alterações nas formas de comunicação, a emergência de outras maneiras de se relacionar, esses eventos nos trariam a necessidade de considerar a cidade de outra forma? Essa compreensão alteraria de alguma maneira nossa visão de cidade? Em outras palavras, a cidade agora é outra, enquanto objeto de estudo?

SF: Para mim, uma grande questão foi o fato de que toda essa discussão de como integrar a cidade, de pensar políticas que busquem a integração daqueles que estão excluídos da cidadania e da cidade, aconteceu de forma inversa. Ela aconteceu porque, dentro da cidade, a polícia passou a agir com a classe média da mesma forma que age nas favelas e periferia todos os dias, com spray de pimenta, porrada, fuzil, bala e tudo mais. Então, estranhamente, a cidade se tornou uma nesse momento, os diferentes grupos sentiram o mesmo peso da opressão. Esse momento foi de grande conagração na cidade.

Não sei se isso gera uma coesão em uma cidade que não é coesa, que é muito fragmentada. Mas as mesmas manifestações que eu via na favela, que era o pessoal gritando “filma!, filma!, filma!” a violência e a agressão da polícia sobre os corpos, sobre as pessoas, passou a ser usada genericamente, colocada no *Youtube*, colocada na internet. Essas formas são próprias de quem está sob o jugo da polícia na favela. Então eu acho que houve realmente um momento de coesão e a construção de um imaginário comum: “somos todos iguais nesse momento”. Essa era um pouco a ideia daqueles que eram excluídos, e de repente todo mundo se sentiu de alguma forma excluído e vulnerável à opressão. Depois cada um vai para sua casa, para o seu modo de vida, e a vida de cada um é diferente da vida dos outros.

Essa liga se deu nesse momento, mas eu não sei qual efeito social ela vai produzir. Mas o fato de a Rocinha e o Vidigal terem descido para o Leblon, pela primeira vez em uma manifestação, é significativo. Outras vezes eles desceram, mas só lá na beira da favela, e era sempre quando envolvia algum traficante. Ter descido coletivamente para ir à área mais rica do Rio de Janeiro, mais badalada, é algo muito significativo, uma apropriação do espaço público que antes era totalmente negado a essa população. Encontrar-se ali com outras pessoas, da classe média, que também estão acampados ali, enfim.

Eu penso que essa ideia de algo mais coeso começa a aparecer, e isso dá gás para várias formas de organização. Por exemplo, eu recebi hoje uma agenda das manifestações que vão ocorrer nesse fim de semana. Uma lista de quase duas páginas, de organizações que eu nunca mais tinha visto, desde há muito, muito tempo. Antigamente quando não havia internet, a gente sabia só da tribo da gente, onde é que ia se organizar. Agora você recebe das várias tribos. Isso é uma novidade.

V!9: Você acha que essas transformações trariam novos dados, de forma geral, para os diversos campos disciplinares que trabalham diretamente com a cidade como objeto de estudo ou de intervenção? Seria razoável considerar que algo mudou, ou isso seria ainda muito prematuro?

SF: Eu penso que muitas coisas mudaram. As pessoas passaram a pensar em demandas que não são as suas próprias, por estar ao lado de uma pessoa que está falando do transporte, e outra que está falando da saúde, mostrando que a mãe morreu de câncer porque não foi atendida no SUS, o outro que está com outra demanda contra o Feliciano – estamos todos juntos. Essa ética da alteridade é uma forma de um encontro com o outro, tão importante para a vida urbana, e isso foi muito colocado na rua. Ao mesmo tempo, essa relação de tensão com o poder autoritário, às vezes opressor, que ouve pouco as demandas, também foi colocada.

Eu acho que, na semana passada, muitas pessoas não tinham consciência de problemas que não lhe afetavam tão diretamente como têm agora. Veja o exemplo da PEC 37. É claro que esse processo foi muito patrocinado pela mídia, mas as pessoas passaram a discutir o que é a PEC, e o que é a PEC 37, e o que isso quer dizer em relação à corrupção. Ou seja, não é apenas mais uma informação que faz parte de uma profusão de informações pessoais, como se vê às vezes no *Facebook*. É uma profusão de manifestações e informações políticas. Eu peguei um ônibus depois do primeiro dia da passeata, e não havia uma pessoa, daquelas com quem eu tive contato, que não estivesse discutindo política: "é certo", "é errado", "esse meninos estão certos", "fizeram bem", "é vandalismo", "não é vandalismo". Esse país não discutia política assim, na rua há tempos, e o fez em plena Copa das Confederações. Então é maravilhoso ver a ocupação da cidade como o espaço da política. Do meu ponto de vista, que trabalho com a questão da política, esse processo é fundamental. A cidade se transformou no espaço da política, e ela era o espaço da alienação, o espaço do consumo, do todo-mundo-no-shopping. Agora é o espaço de troca das informações políticas.

V!9: Uma última pergunta: o futuro lhe parece promissor?

SF: Depende de quando ele começa e quando termina (risos). Eu acho que a experiência recente que nós vivemos mostra o quanto pode ser promissor a sociedade se impor sobre os interesses particulares, inclusive os do próprio governo. Basta ver as medidas que foram tomadas: caíram as tarifas de transporte, outras demandas foram colocadas, as coisas não andavam no legislativo, todos os projetos progressistas estavam parados há vários anos. Um senador do PT disse que parecia que ele morreu e acordou no céu, porque tudo que não andava, de repente, começou a andar. Isso é muito promissor.

Agora, será que é preciso que a sociedade fique na rua o dia inteiro para que as nossas instituições funcionem? Ou será que nós vamos conseguir institucionalizar uma forma em que os governantes têm que prestar contas, têm que dizer "olha, eu vou fazer a licitação assim", "o preço vai subir por causa disso" ou "não vai", e vão ouvir as demandas da população? É preciso que essas conquistas de futuro apontem também para uma institucionalização, uma rotinização. Ninguém pode viver como massa o tempo inteiro, os próprios estudos de massa mostram isso. Quer dizer, a massa é a ideia de que você está dissolvido no todo. Mas essa ideia é exatamente o que faz a massa não poder durar a vida inteira, porque cada um é um, cada um vai ter seus compromissos, trabalhar e comer, ver a família. Nós não podemos ficar na praça o tempo inteiro para construir a democracia, fazer o bonde andar. É preciso buscar canais que, de alguma forma, institucionalizem essa relação mais íntima entre a sociedade e o governo.